

---

---

# SESSÕES DO PLENÁRIO

---

---

**16ª Sessão Especial da Assembléia Legislativa do Estado da Bahia, 14 de maio de 2009.**

**PRESIDENTE: DEP. IVO DE ASSIS *AD HOC***

À hora marcada verificou-se na lista de presença o comparecimento dos seguintes senhores Deputados: Álvaro Gomes, Ângelo Coronel, Capitão Tadeu, Clóvis Ferraz, Elmar Nascimento, Fábio Santana, Fátima Nunes, Fernando Torres, Heraldo Rocha, Ivo de Assis, João Bonfim, João Carlos Bacelar, José Nunes, Jurandy Oliveira, Luiz Augusto, Marcelo Nilo, Maria Luiza Laudano, Reinaldo Braga, Roberto Carlos, Virgínia Hagge e Yulo Oiticica. (21)

O Sr. PRESIDENTE (Ivo de Assis):-Invocando a proteção de Deus declaro aberta a presente sessão especial com objetivo de discutir a situação do Parque Lagoa do Abaeté, proposta essa feita por mim para que possamos, então, falar um pouco mais sobre a questão do Abaeté.

Convido para compor a Mesa o Sr. Superintendente do meio Ambiente, Luiz Antunes Athayde Nery (palmas), representante do prefeito João Henrique Carneiro; convido o Sr. Fernando Araújo, representante do secretário Municipal de Educação, Carlos Soares, (palmas); convido o senhor coordenador da Casa de Música, Amadeus Alves, (palmas); convido o senhor diretor de unidade de conservação, CEMA, Plínio Neto, (palmas); convido o Sr. Comandante da 15ª Companhia Independente da Polícia Militar de Itapuã, Coronel Lázaro Pereira da Luz, (palmas); convido o Sr. Capitão Aloísio Ervans, representante do Esquadrão de Polícia Montada, representando o Comandante da Polícia Montada, Major Walter Serpa, (palmas); convido o Srs. Presidente da Associação de Moradores do Jardim Abaeté e diretor do Grupo Ecológico Nativo de Itapuã, Antônio Miguel dos Santos, (palmas); convido o Sr. Joel Santana, representante do secretário Municipal da SESP, Fábio Mota, (palmas) e convido também o senhor coordenador do Parque do Abaeté, Jorge Lopes. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Ivo de Assis):-Concedo a palavra ao Sr. Amadeus Alves, da Casa da Música, para fazer pronunciamento a respeito do Parque do Abaeté.

**O Sr. AMADEUS ALVES:-** Boa-tarde a todos, saúdo aqui o deputado Ivo de Assis, presidente da sessão e todos os membros da Mesa.

Estou um pouco surpreso por estar neste momento aqui fazendo um pronunciamento sobre um tema tão importante, com a dimensão que tem falar sobre o Parque Metropolitano do Abaeté, que é muito mais do que um Parque Metropolitano.

Ele representa um espaço de uma história de uma comunidade, de um povo que nasceu através de vários séculos, que vem desde as aldeias dos índios Tupinambás, Tupinaés e passando pela colonização, com a chegada dos colonizadores aqui ao Brasil, com os escravos que chegaram de diversas partes da África e chegando ao nosso tempo presente com todas as transformações que o mundo contemporâneo trouxe para o nosso espaço de convivência, a Cidade do Salvador, o Estado da Bahia, o Brasil.

Hoje, nós estamos aqui justamente debatendo esse espaço, que é o Abaeté.

Temos aí, no data *show*, não sei se agora é o momento, mas são pequenas imagens que, na verdade, como falei para algumas pessoas, não foram preparadas para esse fim, mas acho que servirão para sensibilizar as pessoas, porque o Parque do Abaeté, hoje, já está às vésperas de completar 16 anos, e é um lugar onde diversas pessoas frequentam, diversas pessoas tiram seu ganha pão, nós temos lá desde comerciantes, que têm lá os restaurantes, os quiosques, os ambulantes, todas as pessoas que tiram o seu sustento daquele espaço, é uma área de intenso comércio, mas também, principalmente, é uma área de preservação ambiental.

Então, nós temos o meio ambiente, como o espaço que está ali intacto, que deveria estar sendo bem cuidado e a mão humana, o ser humano atuando sobre aquele meio ambiente, e atuando com a cultura e com o comércio. Então, é uma forma de muita delicadeza tratar desse assunto, porque envolve diversas questões, e hoje nós vemos a urgência que é o plano, realmente, de reconstrução, de revitalização do Parque Metropolitano de Abaeté.

Então, somos diariamente estimulados a pensar esse espaço, e enquanto coordenador de um espaço que acho que é de grande importância para o Abaeté, que é a Casa da Música, que foi construído, foi concebido junto com o projeto do Parque para ser o Museu da Música da Bahia, para ser um espaço onde a comunidade tenha oficinas de música, um espaço também de lazer, de entretenimento, e a Casa da Música, nesses 15 anos, passou por várias transformações também e hoje é um dos espaços de maior atividade, lá no Parque do Abaeté.

Então, um pronunciamento sobre o Abaeté é também falar das diversas expectativas. Cada pessoa que está aqui, hoje, neste Plenário, sejam os comerciantes, sejam os artistas, os produtores, as pessoas que são ligadas às ONG's, todas elas têm uma expectativa sobre Abaeté, uma expectativa grande de que ele venha se tornar uma área de destaque, tanto para as comunidades que estão ali no entorno, quanto para a cidade e para os visitantes, os turistas que chegam aqui na Cidade do Salvador, e que já têm o Abaeté como referência, um espaço famoso cantado por muitos nomes de grande relevância na música brasileira.

Gostaria que abrisse, então, onde tem Abaeté, por favor, meio ambiente, cultura e comércio. (Pausa)

Então, falar sobre esse tema, realmente requer uma propriedade, porque como eu falei, cada pessoa está vindo aqui, hoje, com uma expectativa, seja ela relacionada com o trabalho que desenvolve lá como comerciante, seja como poder público, seja como artista, seja como idealizadores de projetos.

Então, quero dizer que estou aqui também como representação desse poder público ao qual a Casa da Música é vinculada, à Fundação Cultural do Estado da Bahia, Secretaria de Cultura do Estado com o objetivo de realmente auxiliar no que for

possível. Mas também estou neste Plenário como morador e nativo de Itapuã. O Abaeté, principalmente quando se fala num projeto cultural para lá, a gente não pode perder de vista a questão da identidade cultural.

Nestes 15 anos de vida, praticamente o que ele teve de programação, calendário de eventos lá, talvez não tenha sido correspondente realmente à identidade do povo de Itapuã. Itapuã é um lugar que tem toda uma tradição de lavadeiras, de pescadores que são as matrizes daquela comunidade. O bairro de Itapuã surgiu dessa colônia de pesca que se organizou, há muitos anos existe uma colônia, uma cooperativa de pesca lá.

Então, não se pode perder de vista essa condição de que a gente precisa prestar atenção na identidade cultural. Portanto, o projeto que queira se fazer para o Abaeté, acho que tem de se pensar nessa história, em recolher todas as informações que têm na memória dessa comunidade para que a gente possa realmente não errar novamente em alguns aspectos.

Acho que o Abaeté já tem aí o exemplo de uma cultura que não funcionou. Os comerciantes são prova disso, e eles mesmos falam sobre o assunto. Às vezes eu pergunto por que essa cultura se instalou, por que deixamos essa cultura se instalar lá. E hoje estamos aqui com essa possibilidade de um novo projeto, inclusive já com uma iniciativa. Tem pessoas que têm essa facilidade de colocar no papel uma proposta de revitalização desse parque, e o que importa agora é que essa proposta seja realmente levada ao conhecimento do maior número de pessoas que atuam em Itapuã, das organizações que existem no bairro.

Itapuã é um lugar que tem uma prática muito forte de pessoas que estão ali atuando para que esse projeto realmente venha a ter consistência. Na verdade, o que tem de mais importante nesses *slides* são algumas imagens que a gente colocou aí, que falam do passado e do presente. Tem uma foto área onde temos uma margem que delimita perfeitamente a área de ocupação, a área de preservação ambiental. Temos ali uma área de grande intensidade de construções, de casas, uma população grande. Como costume falar, Itapuã fica numa área que tem quase 200 mil habitantes e não tem um centro cultural à altura.

E essa população, onde ela vai realmente buscar suprir essas necessidades? A gente não precisa só de comida, a gente não quer só comida, só o lado material da vida! A gente quer também cultura e arte, e onde buscar isso? Nos bares e restaurantes de Itapuã? A gente tem isso lá? Quer dizer que essa população de 200 pessoas tem condição de beber na fonte da cultura, da arte? Onde os artistas vão apresentar seus shows, seus quadros, suas poesias? Nesses bares que tem em Itapuã? A gente sabe que não cabe. É a mesma coisa que eu falava. A festa de Itapuã tinha vários trios elétricos, mas alguns artistas não podiam subir no trio elétrico para tocar seu tipo de música.

Então, o Abaeté tem essa dimensão. É um lugar precioso. Todos nós estamos aqui hoje por conta dessa importância que tem o Abaeté, uma importância simbólica, uma importância histórica e também uma importância social, econômica, cultural. Tive esse desafio de ser praticamente o primeiro a falar nesta sessão e não sou de me negar aos desafios.

Verdadeiramente espero que hoje com todas as falas, principalmente das autoridades competentes que estão nos lugares determinados, a gente possa sair desta sessão com mais um degrau colocado na construção da revitalização do Parque

Metropolitano do Abaeté. E que a gente possa pegar essa iniciativa que foi colocada em pauta, juntar com outras e conseguir dar um passo para que o Abaeté não fique na situação que está atualmente.

Há algumas fotos na sequência, podem passar. Tem o Abaeté das lavadeiras, um lugar de convivência desse povo, onde as pessoas sustentaram os seus filhos com essa economia lavando roupa, vendendo algumas coisas para os turistas, um espaço no qual a beleza nutria o ser humano que ia lá frequentar com a poesia, com a lua cheia, com o areal, um espaço em que os artesãos podiam vender os seus produtos e tinha equipamentos como os que estão ali na porta do Castelinho, que foram retirados para a construção do parque; um espaço que já foi invadido, boa parte dele foi recuperada, mas ainda há muitas partes desse parque que ainda podem ser mais bem cuidadas. O Abaeté, hoje, está agonizando em alguns aspectos, mas ainda é uma fonte de alegria, como vemos naquela foto com a criança, um momento de reflexão em que as pessoas contemplam a beleza do Abaeté.

E tudo isso está no espaço urbano de Itapuã que tem uma história. Há o Itapuã do passado e o do presente. E o Abaeté não pode estar dissociado da orla de Itapuã, do coqueiral de Piatã, da história do seu povo.

Então basicamente nesse desafio de falar sobre o Abaeté diante de uma plateia tão qualificada. Quero dizer aos senhores que estão aqui, às autoridades presentes, às pessoas que fazem parte do povo de Itapuã, que é preciso se fazer um trabalho sério. E a gente que está lá no dia a dia a diana Casa da Música, fazendo um trabalho, vê a consistência no olhar da pessoa, na resposta da comunidade. É um espaço aberto à população. Muitas pessoas não conheciam esse espaço que está hoje sendo frequentado pela comunidade com eventos gratuitos, de qualidade, servindo também para que os músicos locais demonstrem sua arte, os artesãos, os artistas plásticos, os atores. Só que a Casa da Música é muito pequena ainda, e a gente precisa expandir esse projeto, porém com cuidado para não perder de vista a questão da identidade do povo de Itapuã; não perder de vista que Itapuã nasceu através dos tempos, passando por onde um dia foi a aldeia de índios, chegando até os tempos atuais, trazendo a força da cultura do pescador que até hoje está lá. Quem for ao canal, ao farol de Itapuã, vai ver a colônia de pesca, na Sereia ou em Piatã, onde os pescadores continuam resistindo com os seus instrumentos de pesca, embarcações e canoas. E essas características não podem ser perdidas de vista.

Então eu, enquanto coordenador da Casa de Música, enquanto morador de Itapuã, nascido e criado ali, estou trabalhando há alguns anos com outras pessoas que estão aqui presentes, para que Itapuã reconstrua a sua identidade cultural e possa fazer a diferença, continuando a ser o lugar aprazível para o turista e não uma coisa plastificada, como a de outros lugares, mas algo que só se encontra no bairro de Itapuã.

Então agradeço mais uma vez aos membros da Mesa, a todos que estão aqui neste plenário, e me coloco à disposição para continuar trabalhando de forma bem consistente nesse trabalho.

Muito Obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Ivo de Assis):- Coma palavra o Sr. Plínio Neto, diretor da

Unidade de Conservação da Sema.

Quero convidar o Sr. Rui Pereira da Paz, diretor do Departamento de Polícia Metropolitana, representando o delegado-geral da Polícia Civil, Dr. Joselito Bispo da Silva, para compor a Mesa. (Palmas)

Vamos estipular um tempo de 6 minutos, pois temos vários oradores inscritos, senão vamos nos alongar muito nesta sessão.

Quero convidar também o vereador Giovane para compor a Mesa.

**O Sr. PLÍNIO NETO:-** Em nome do deputado Ivo de Assis, presidente desta sessão, saúdo todos os membros da Mesa e demais presentes.

Senhoras e senhores, apenas farei um breve histórico da situação daquele parque, diferenciando do que normalmente as pessoas têm dito muito sobre ele, falando um pouco da APA e tratando das suas ações, da Unidade de Conservação como se fosse o parque.

A Secretaria de Meio Ambiente, a partir de 2002, recebeu como incumbência cuidar da Unidade de Conservação do Estado, cabendo a ela também a responsabilidade desse espaço metropolitano. Em 2003, ficou confirmada essa transferência de responsabilidade e a Secretaria de Meio Ambiente e Recursos Hídricos naquela época, a Sema, assume essa função.

De 2003 a 2005 ocorreram ajustes, quando em 2005 passa a Sema a ter a responsabilidade de assumir as questões de segurança interna do parque e de manutenção da área interna também, diga-se de limpeza do parque. De 2000 a 2007, as pessoas que têm um histórico podem até colaborar com a Secretaria de Meio Ambiente – Sema - através da composição do novo governo assume também o Parque Metropolitano do Abaeté e ficou ali, naquela época, acordado que a partir de janeiro de 2009 a Sema assumiria totalmente as ações do Parque Metropolitano.

Este ano tivemos durante esses três primeiros meses, de janeiro a março, um período de transição, em que a Sema passa a receber todos os contratos dos permissionários daquela área, e iniciamos um processo de cadastramento. Dentro do nosso planejamento, o primeiro semestre foi destinado a essa ação, no segundo trimestre desse primeiro semestre estamos fazendo a regularização das concessões daquele parque, identificando todos os permissionários e fazendo também em paralelo uma discussão para conhecimento e provável discussão, uma anamnésia do que está acontecendo hoje na relação de cliente e de permissionário, de usuários e de frequentadores.

No segundo semestre, estamos pretendendo, a partir do momento em que até 31 de maio deverão ser regularizadas as situações cadastrais desses permissionários que já usam as unidades do parque, até o final do mês de junho encaminhar à Procuradoria-Geral do Estado toda a documentação para ser apreciada, confirmando aí realmente o cadastro de todos aqueles permissionários. Se não me engano, são 31 permissionários.

Restamos ambulantes ainda para fazer o recadastramento, não iniciamos, mas deveremos estar fazendo nesse período. E a partir do segundo semestre, de julho, agosto e setembro, pretendemos estar trabalhando na perspectiva de junto com esses permissionários discutir um projeto e um plano de trabalho, avaliando a forma mais próxima e conhecendo mais a realidade daquele parque para que possamos inclusive definir que modelo de gestão pretendemos. Até indicar uma possível encomenda da

elaboração de um projeto de gestão para aquela área que contemple a questão comercial, a questão cultural, a questão do turismo e todas essas demandas pertinentes àquele *playground* do mundo. Não é?

Quando você fala sobre a questão daquela área, realmente nós entendemos que aquilo ali é um *playground* do mundo onde você encontra todas as pessoas transitando; não só os residentes daquela área do entorno como também diversas outras pessoas, porque todos nós somos apaixonados por aquela área.

Pretendemos, então, a partir do quarto trimestre e no segundo trimestre, assim, tentar fechar toda esta análise inicial do projeto do Abaeté que deverá também estar acontecendo o projeto de reforma daquela área.

Em suma, este é um desenho hoje existente para que se tenha uma administração onde paulatinamente deverão ser introduzidas mudanças para que se possa fazer uma transformação efetiva daquela área, uma vez que temos um passivo em torno de quase 10, 12 ou 15 anos com problemas, porque eles não são de agora. Os problemas começam lá no início, lá no nascedouro, onde se tem hoje as consequências deles que foram se acumulando.

Durante este período também, nós fizemos na segunda-feira uma reunião no Abaeté, uma reunião com equipe técnica e equipe de nossos funcionários na transmissão do cargo de gestor atual que foi recém-nomeado. E, na própria segunda-feira, estivemos conversando com quase todas as pessoas que ali estiveram na perspectiva de dar, ao menos, os informes do que estamos fazendo hoje, no Abaeté.

Naquele momento, a reunião declinou para uma reunião exclusiva com os permissionários que fizemos ontem pela manhã tentando elucidar todas aquelas dúvidas existentes em relação a este cadastramento feito pela assessoria jurídica e que estavam suscitando algumas discussões. Pudemos esclarecer algumas discussões, deixando claro como serão essas etapas e, assim, encerramos esta primeira fase de discussão dos problemas existentes.

Estamos pretendendo, imediatamente, em articulação com a prefeitura municipal discutir e fazer uma reunião com os ambulantes daquela área para que possamos, inclusive, ter um registro deles, pois, em nosso cadastro, eles não aparecem. No entanto, eles são pessoas que têm vivido da atividade naquela área.

Dissemos ontem da importância de estarmos com os três grandes pilares: o pilar da atividade econômica – fundamental para a manutenção da renda dessas famílias, não só os ambulantes, mas os permissionários e todos os que ali utilizam aquela área – ; o pilar da importância social que existe da troca de serviços e da importância também enquanto equipamento público sendo utilizado por toda uma população.

Então, nós entendemos que é necessário realmente consolidar e estreitar mais esta distância existente entre esses clientes e permissionários que fazem uso do Parque de Abaeté de uma forma para que se possa disciplinar o uso daquela área e que o cliente ou o turista ou frequentador possa ter um serviço de alta qualidade para que sirva como referência para todos nós.

O Sr. PRESIDENTE (Ivo de Assis):- Os seus seis minutos já estão estourados.

**O Sr. PLINIO NETO:-** Eu já falei do parque. Apenas, para concluir, quero informar que é tão bom falar do Abaeté que nós esquecemos. Depois de falar sobre o parque que é um aspecto muito mais físico e fisiológico em relação à questão dos

permissionários, mas eu também quero evidenciar a questão da importância do Conselho Gestor e da APA, porque sobrepõem àquele parque. É a ele e a esta instância que devem ser creditadas a questão das relações sociais, o envolvimento com a comunidade, as ações socioambientais que estão acontecendo e que deverão acontecer naquela área.

É interessante, quando falamos de gestão daquela região, tratarmos de forma diferenciada, evidenciando essa instância, que é o Conselho Gestor da APA, formado pelo tripé da representação governamental, sociedade civil e empresariado, para que se possa realmente discutir todas as ações que possam ser desenvolvidas naquela área e contribuir para a elaboração desse plano de gestão.

Quero agradecer a todos e dizer a vocês, em nome do secretário do Meio Ambiente, Juliano Matos, que pede desculpas por não poder comparecer a esta sessão, da nossa disposição de um olhar novo para aquela área do Parque Metropolitano do Abaeté.

Muito obrigado.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Ivo de Assis):- Com a palavra o tenente-coronel Lázaro Pereira, da 15ª Companhia Independente de Itapuã.

Sei que quando começamos a falar sobre o Abaeté, nos empolgamos, nos entusiasmos e ultrapassamos o tempo.

Vamos tentar nos limitar aos 6 minutos, para que todos tenhamos tempo de fazer o pronunciamento. Estou aqui com um pronunciamento que, se eu for fazer na íntegra, vou levar uns 20 minutos, porque tem muita coisa para falar, mas vou tentar sintetizá-lo para 6 minutos.

Com a palavra o tenente-coronel Lázaro.

**O Sr. LÁZARO PEREIRA:-** Boa-tarde a todos, boa-tarde ao deputado Ivo Assis, estendendo esse cumprimento a todos da Mesa, quero cumprimentar o Dr. Rui da Paz, os integrantes deste Plenário, grandes amigos que estão aqui, Sr. Amadeu, parceiro da luta do Abaeté, e muitos outros que estou vendo aqui agora.

Na verdade, estou vindo aqui para falar sobre um componente de toda uma questão social que envolve o Abaeté, que é a questão da segurança, no tocante à Polícia Militar. Sabemos da importância que tem a segurança para o Abaeté.

Peço licença a todos para passar um vídeo bem curto, de 6 minutos, ao mesmo tempo vou falando também, se o tenente Leandro puder passar esse vídeo. É uma visão aérea feita pelo Grupamento Aéreo, para que possamos nos situar em termos de geografia.

Um aspecto muito importante para a segurança pública é a questão do terreno. O Parque do Abaeté, vocês vão ver a extensão dele aí, é um componente da área de proteção ambiental, que é de 1 milhão e 200 mil metros quadrados de área, faz fronteira até com o aeroporto, Flamengo, Lauro de Freitas e por aí vai.

Sabemos da importância que tem o Abaeté, sabemos que é necessário que possamos proporcionar uma segurança de qualidade para todos aqueles que moram ali, em torno de 200 mil habitantes no entorno, excluindo os passantes e os turistas, que chegam a 80 mil, há épocas em que temos 280 mil pessoas visitando o Abaeté, toda

essa extensão. Tem uma parte pavimentada, justamente onde ficam os comerciantes.

Realmente, é um local que exige que nos debrucemos para planejar esse tipo policiamento, porque é atípico, eu acho que não há em mais nenhum lugar de Salvador esse tipo de policiamento.

A 15ª, que é uma companhia que fica em Itapuã, que é a responsável pelo policiamento do Parque de Abaeté, conta também com outras unidades, como o Grupamento de Polícia Montada, Grupamento Aéreo, temos a Rondesp, e outras unidades da Polícia Militar que integram esse tipo de policiamento.

No nosso parque, na área pavimentada, temos dois módulos, que chamamos de Abaeté 1 e Abaeté 2, distantes em torno de 250 metros um do outro.

Há um efetivo de 24 horas executando esse tipo de policiamento, além de policiamento itinerante, rondante, de duplas. Podemos citar o policiamento de cavalaria dentro das dunas, existe o policiamento feito pelo Esquadrão Águia, de motocicleta, e pela Polícia Florestal. Vou falar aqui da 15ª, porque nos preocupamos muito com isso. Há, nas adjacências, em torno de 200 mil pessoas que frequentam o Abaeté, um cartão-postal da Bahia e do Brasil, moradores, cuja renda varia de 1 a 20 salários mínimos e, como já disseram aqui, pessoas de diversas camadas sociais. Quero dizer também que a Polícia Militar trabalha de forma contínua e acompanha o desenvolvimento social. Uma das atitudes que tomamos é sempre discutir essas coisas com as pessoas envolvidas nas questões sociais.

Reunimos-nos diversas vezes com o Conselho de Segurança Pública de Itapuã, com Sr. Amadeu, um grande amigo nosso, e outros mais, no sentido de ouvir os anseios, as demandas, porque quem realmente está lá são os comerciantes, que sabem dos problemas e nos dão informações preciosas para que possamos adequar, intensificar e relocar o policiamento em função dessas informações.

Estou presente aqui para ouvir sugestões e fazer a promessa, assumir o compromisso de sempre tentar modificar essa situação, evoluir e intensificar o policiamento com base nisso. Estamos recebendo aí uma turma de soldados que estão se formando, como todos sabem e acompanham na televisão, e vamos receber um reforço de policiamento.

Uma das preocupações do Sr. Coronel Eleutério, que é o comandante do Policiamento Regional da Capital e a quem estou subordinado, é justamente o Abaeté. É uma preocupação constante nossa, a nossa grande dificuldade é justamente a área de dunas e lagoas, porque os marginais também evoluem no seu modo operante, estabelecem rotas e se utilizam justamente das facilidades das pessoas que visitam aquele lugar e, realmente, praticam atos contra a segurança pública.

Quero repetir aqui, ratificar o nosso compromisso de tornar cada dia melhor o policiamento naquela área e estar sempre aberto a sugestões. A Polícia Militar, através da 15ª, está sempre à disposição de todos.

Agradeço a todos e uma boa -tarde! (Palmas!)

O Sr. PRESIDENTE (Ivo de Assis):- Muito obrigado, coronel.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Ivo de Assis):-Com a palavra o presidente da Associação de Moradores do Jardim Abaeté, Sr. Antônio Miguel.

**O Sr. ANTÔNIO MIGUEL:-** Boa-tarde a todos!

Quero saudar toda a Mesa e o deputado Ivo de Assis pela coragem de, realmente, trazer esse povo de Itapuã para uma audiência pública nesta Casa.

Na realidade, Itapuã já vem há 16 anos sofrendo. Tive a oportunidade, em 1985, de fundar a Associação de Moradores da região do Abaeté para defender os moradores e também lutar pela preservação da Lagoa do Abaeté.

Quero, neste momento, saudar, *in memoriam*, o nosso grande amigo Antônio Conceição Reis, uma pessoa que poderia estar presente a essa Mesa representando muito bem a Lagoa do Abaeté.

Então, senhores, quero dizer que para nós – comerciante, moradores e ambulantes do Abaeté – este momento é importante. Estamos vendo o esforço dos senhores para resolver essa questão de fundamental importância, que é a Lagoa do Abaeté. Às vezes, fico triste porque as coisas não acontecem no Abaeté, onde sou ambulante, vendo caldo de cana, e tive, por várias vezes, vários problemas, inclusive com funcionários, companheiros meus.

Uma das coisas mais graves que temos no Abaeté são os assaltos. Assaltos no Abaeté, minha gente, vocês que não conhecem o Abaeté e querem me ouvir, é um problema muito grave, porque isso tem afastado a visita das famílias à Lagoa do Abaeté durante esses cinco anos. É uma coisa muito vergonhosa. É preciso que a gente tenha coragem de vir aqui de público dizer isso, porque os comerciantes e os moradores estão passando por um momento muito grave naquela área. As pessoas que visitam a Lagoa do Abaeté e têm os seus carros assaltados. Então é preciso que a nossa Segurança Pública olhe mais para aquele logradouro. Na realidade, não só no Abaeté; em Praia do Flamengo, por exemplo, há inúmeros registros.

Estivemos, no mês passado, com a delegada da 12ª, Drª Francineide Moura, e ela estava preocupada e nos mostrou todas as ocorrências registradas naquela área.

Temos que aproveitar este momento, porque aqui estão representantes das Polícias Civil e Militar, para pedir apoio. Eu ouvi um discurso de um colega nosso, um comerciante que usou tudo que tinha para colocar no Abaeté, que teve o seu carro assaltado.

E este momento é importante para que todos nós tenhamos consciência de que o Abaeté ainda é um lugar rico de cultura, ainda é um lugar que tem nome no cenário mundial, então precisa ter outra visão. Deputado, o senhor encampou essa luta em defesa dos moradores e comerciantes daquela área, não deixe essa bandeira cair.

Acreditamos no governo do Estado da Bahia, no governador Jaques Wagner, que já colocou os seus técnicos à disposição; queremos também contar com o apoio da Prefeitura Municipal para que haja soluções.

Poderíamos ter hoje aqui uma plateia com mais de mil pessoas, mas, infelizmente, a Baixa do Soronha está lá com todas as casas invadidas pela água; precisa que o setor de infraestrutura deste Estado visite essas pessoas. Por isso que não estamos aqui com uma plateia muito maior. Mas temos aqui a qualidade de grandes representantes da comunidade que sabem dos problemas daquele bairro. E estamos aqui de braços dados, juntamente com os senhores representantes, para que esse projeto do governo do Estado seja realizado, e assim essas famílias, que estão morrendo no Abaeté, sejam salvas.

Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Ivo de Assis):- Quero registrar a presença da nossa amiga Maria Del Carmen, presidente da Conder. Gostaria de que preparassem uma cadeira para ela aqui na Mesa. (Palmas) A Conder administrou, durante alguns anos, o Parque do Abaeté.

Quero registrar, ainda, a presença da Agenda 21 Itapuã; do Ibama; da Conder; da ONG Omodara; da assessoria do vereador Giovanni; do Sindicato dos Rodoviários; da Central Única das Favelas; da Sema; de comerciantes do Abaeté; do Projeto Renascer. Depois vamos registrar outras presenças.

Com a palavra o Sr. Luiz Antunes Neri, representante do prefeito João Henrique. O prefeito não pôde estar conosco nesta tarde devido a outros compromissos, mas se faz representado aqui pelo Sr. Luiz Antunes.

**O Sr. LUIZ ANTUNES:-** Boa-tarde a todos e a todas. Deputado Ivo, em nome do prefeito João Henrique eu gostaria de saudar a todos os senhores e dizer que, com absoluta certeza, o Abaeté vai ter um tratamento extremamente especial.

Mas, antes, eu gostaria de prestar um depoimento. Hoje, sou superintendente do Meio Ambiente, a minha formação é de arquiteto, me formei na década de 60. E agora vou tentar passar toda essa história de 40 anos em 6 minutos.

Temos de entender o problema de Salvador. Primeiro, herdamos uma cidade que não tinha uma gestão municipal, que se caracterizou, durante muitos anos, por um imbróglcio entre as gestões municipal e estadual. Isso, evidentemente, criou algumas situações esquisitas, principalmente com relação a determinadas áreas.

Depois, tivemos as APAs, que são, evidentemente, um instrumento da maior importância do ponto de vista ambiental, mas os senhores também têm que entender que existem APAs com 67 mil hectares, ou seja, do tamanho da Bélgica, e a maioria delas foram feitas sem registro.

Chega um determinado momento que fica difícil dar soluções verdadeiras para algumas situações. Temos que entender que há uma Salvador legal e legítima e uma Salvador informal.

Achei interessante quando Amadeu Alves falou do Abaeté de 16 anos atrás. Eu estive no Abaeté há 40 anos e tenho certeza de que não foi essa Abaeté que inspirou ninguém a fazer músicas sobre ele, porque senão a letra seria totalmente diferente. Estou falando de Vinícius, o qual deixa muitas saudades, ainda quando veraneava numa casa em Salvador, não estou falando da casa que ele terminou, onde hoje funciona uma pousada, foi um pouco mais atrás. Não foi essa Abaeté que inspirou ninguém a fazer músicas, tenho certeza absoluta disso.

Não podemos esquecer que Salvador é uma cidade de 3 milhões de habitantes, que hoje só cresce para o Norte. Não podemos esquecer que Salvador só tem 3 segmentos de crescimento: a orla atlântica, o miolo, e a orla insular. Devemos lembrar também que a nossa cidade tem 80% de ocupação informal decorrente do desvio de políticas públicas.

Muitos dos senhores estão, hoje, morando em áreas ilegais, tenho certeza de que não é por vontade própria, porque ninguém vai morar numa encosta ou numa favela

porque quer! Estão morando nessas condições por ausência de políticas públicas, o que a administração do prefeito João Henrique tem tentado corrigir com um esforço brutal! Conseguimos reverter o quadro de Salvador, onde hoje predomina a ocupação formal. Desde 2005, início da administração do prefeito João Henrique, Salvador cresce mais de maneira formal do que ilegal.

Nos últimos anos, Salvador se caracterizou pela discussão constante e pelo pânico do legal. A nossa cidade tem o pânico do legal e a cumplicidade do ilegal, e para exemplificar essa afirmativa cito a Marina da Contorno - me desculpem citar esse exemplo numa discussão a respeito do Abaeté, mas acredito que para entendermos a questão do Abaeté temos que compreender esse procedimento – em que foram necessários 10 anos de discussão. Temos também o caso do Shopping Salvador, em que foram necessários 8 anos de discussão.

Vejam os senhores, o número de pessoas que ocuparam informalmente a cidade que é uma área 8 ou 10 vezes maior do que essas áreas.

Aqui faço também um registro a Antônio Conceição. Até o ano de 2005, eu nunca tinha estado no serviço público, sempre trabalhei na área de projeto e planejamento e também fiz consultorias, inclusive para o Ministério Público e, quando estive com Antônio Conceição - talvez até alguns dos senhores já me conheçam -para fazer o projeto do Parque do Manguezal, ele fez um esforço brutal para conseguir concretizá-lo.

Hoje, sou superintendente e, por mais absurdo que seja, embora tenha uma licença ambiental assinada pelo secretário de Meio Ambiente, na época, superintendente de Meio Ambiente, Dr. Juliano Matos, e por mim, que na época era gerente de licenciamento ambiental do município, a obra está embargada nessa parafernália que aconteceu na cidade. A obra está embargada inclusive com um auto de infração do Ibama, que está aqui representado. Isso é um absurdo! Esse seria o primeiro parque público urbano, e fomos impedidos de implantá-lo. Essa situação é muito grave!

Os segmentos sociais não podem se permitir ser utilizados por manobras que não chegam a conclusão nenhuma. Os senhores estão numa área, e não consigo entender... Após a Constituição de 1988, alguém fala dum parque, e aí fala ocupação... Não consigo entender! Não se pode mais falar de Abaeté como parque, desculpem-me, mas, sim, como uma área que vai ser preservada, que está legitimamente ocupada e o Estado quer legalizar. É totalmente diferente de se discutir como se fosse uma benesse. Não é por esse caminho, não, a situação não é rigorosamente essa.

Ao meu querido amigo Plínio, da Sema, que já estive no CRA desde águas passadas, pelo que me parece, desde 2000 e alguma coisa – você falou de 2002 –, o projeto do Parque do Abaeté foi feito pela Dr<sup>a</sup> Rosa Clias. Foi um projeto fantástico na época, pois ela é uma profissional da mais alta qualificação. Mas não tem nada a ver com esse Parque do Abaeté que está aí hoje. Hoje, tem-se uma área que foi ocupada. Insisto nisso, a ocupação é legítima, porque tem-se que separar o que é legal e o que é legítimo. A ocupação é legítima, embora não seja legal. Portanto, não é legal se ficar procurando instrumentos para legalizar os processos.

Então, para encerrar, apenas uma contribuição, gostaria de dizer, com relação ao que já falei, ao Lázaro, que, evidentemente, o problema da segurança é importante; e

para Antônio, quando fala da presidente da associação – até vou propor-me a conversar com vocês depois –, que fiz um levantamento de Salvador a partir das associações de bairro desde 1945, não estou falando de 15 nem de 16 anos atrás. E é muito importante entender esta cidade com todas essas participações, o que aconteceu, de fato, nesses segmentos, porque, muitas vezes, as pessoas fazem muita discussão e pouca ação. É muito faz-de-conta.

Então, esse processo, a Prefeitura Municipal de Salvador que, por incrível que pareça, a resolução Conama, a legislação federal... O País é um ente federativo onde se tem União, estados e municípios, e muitas pessoas não entendem e fazem o conselho de gestão de Apa, que é um conselho, não é órgão de decisão, e isso também tem que ser esclarecido. Então, fazem essa parafernália que, ao final, não resolve absolutamente nada. A gestão do município é do gestor municipal, e é esse limite que tem que ser começado a dizer: o que é do município, o que é do estado e o que é da União. Se continuar isso que está aí, tenham os senhores a absoluta certeza de que vamos todos viver num caos.

E para encerrar, do ponto de vista socioambiental, quero registrar que os mesmos promotores e procuradores da República que solicitaram o embargo da Paralela, essas mesmas pessoas, há alguns meses, solicitaram que a área de lazer que a população recebeu na Centenário fosse retirada. O processo está na Justiça para que qualquer um dos senhores que quiser possa conferir. Deu trabalho para que isso não fosse feito. E hoje, após a catástrofe, essas chuvas que vivemos, está aí registrado que a obra foi extremamente importante, porque se olharmos os jornais, falam de vários lugares como Imbuí, etc, mas não se falou mais da Centenário.

O prefeito João Henrique desejou aos senhores... E um pouco do meu depoimento, do meu exercício profissional de 40 anos nesta cidade que, impressionantemente, prima por uma política, ao longo de anos, da ilegalidade, da ocupação informal. E agora que estamos revertendo isso, é muita dificuldade. Fico feliz em ver a Dr<sup>a</sup> Maria Del Carmem na Mesa, pois muitas vezes participamos de alguns eventos.

Antes de mais nada, vamos ver como vai ficar essa legislação, porque temos o parque na Constituição de 88 e existem determinações...

Então, não acho justo trazer a comunidade do Abaeté e dizer: “Vamos discutir o Parque do Abaeté, vamos falar em ocupação legítima.” Não existe isso. Primeiro, tem-se que resolver o instrumento legal, porque se for para ser um parque, não se vai legalizar coisíssima alguma. Esse é que é o grande problema. Isso é uma tremenda de uma balela, porque não vai resolver problema de parque. A Constituição de 88 diz o que é parque de uma maneira muito clara. E aí vai fazer o quê? Vai manter esse processo? Não, vamos separar a área e discutir de duas formas. Uma delas é a ocupação legítima, que tem de ser regularizada e legalizada. E a outra é a ocupação informal, que tem de ser tratada de outra forma.

Estou à disposição dos senhores na Superintendência do Meio Ambiente para qualquer assunto que se relacionar com esse tipo de procedimento, porque entendo que para a cidade a gestão é municipal.

Muito obrigado e boa-tarde.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Ivo de Assis):- Quero registrar a presença do Sr. Almir Pereira, da Serin, da Sra. Cássia Magalhães, Superintendente do Turismo do Estado da Bahia, do pastor Rogério Miranda, do Sargento Abisolon, que é presidente da Associação de Brasileiros Policiais Militares do Estado da Bahia, e do Sr. Antônio Santos, presidente do Jardim Abaeté. Daqui a pouquinho, vamos registrar outras presenças.

O pessoal está se empolgando muito. Tomara que o vereador Giovanni não se empolgue tanto porque o Sr. Luiz Antunes falou 10 minutos, e são 6. Até agora apenas o Coronel Lázaro foi pontual, rigoroso dentro tempo.

O Sr. PRESIDENTE (Ivo de Assis):- Com a palavra o vereador Giovanni.

**O Sr. GIOVANNI BARRETO:-** Boa-tarde a todos. Gostaria de saudar a Mesa presidida pelo deputado Ivo de Assis e também, presidente, parabenizá-lo por esta iniciativa de fundamental importância para discutir um dos pontos turísticos mais importantes da nossa cidade do Salvador. E que venham investimentos cada vez maiores.

Iniciando, queria dizer que o Sr. Antônio Miguel citou uma situação importantíssima. E aí nós estamos na presença do tenente-coronel comandante daquela CIPM. Quero dizer que a presença do policial militar fardado inibe a criminalidade. Vou dar um exemplo, senhores, que infelizmente tenho de dar, até mesmo para a gente ter isso em mente e fazer uma reflexão. Antes do exemplo, coronel, digo que meu pai também era militar. Então esse exemplo que darei é um pouco ruim, mas não é desmerecendo a briosa Polícia Militar, que é uma polícia competente que tem todos os predicados para ajudar na segurança pública do nosso Estado.

Na eleição passada em outubro, no segundo turno, eu estava no Abaeté juntamente com o Sr. Jorge, algumas crianças e mais duas pessoas no dia anterior ao pleito. E nós estávamos com uma bandeira do PT. Tenho muito orgulho de ser militante do Partido dos Trabalhadores e estava ali segurando a bandeirinha. Com poucos minutos, infelizmente, subiu uma guarnição da Polícia Militar, e um tenente fardado com uma metralhadora disse que iria nos prender porque estávamos segurando uma bandeira como militantes do PT. Fiquei sem saber o que estava acontecendo, até preocupado. Chamei o Jorge e disse para ele que não estávamos infringindo legislação nenhuma nem praticando crime. Então continuaríamos ali no local. Falei: “Agora, se o tenente determinar, nós vamos dar as mãos, inclusive com as crianças, e descer correndo para a 12ª Delegacia, escoltados pela PM, para se apresentar lá. Jorge está ali, então tem outra testemunha.”

Ligamos para o secretário Rui Costa, comunicamos o fato, e sei que ele embargou aquela ação policial, que reputo desastrosa naquela situação porque ali era um momento de democracia. Por que quero dizer isso? Porque o tenente subiu numa velocidade impressionante numa viatura, fardado e com metralhadora. Nós precisamos disso, mas para coibir a criminalidade que se abate sobre o Parque do Abaeté. E os companheiros comerciantes me corrijam se eu estiver mentindo, os ambulantes e demais pessoas que ali estão também. Nós precisamos apoiar iniciativas duras da Polícia Militar do Estado da Bahia em prol da sociedade e da democracia para trilharmos caminhos corretos.

Portanto, esse é um exemplo que não desmerece a briosa corporação da Polícia Militar, mas sim engrandece, pois ela é composta de homens e mulheres capacitados, cumpridores dos deveres e das obrigações.

Por isso estamos colocando aqui, major, que precisamos dessa agilidade. O tenente não agrediu fisicamente ninguém. Talvez ele não conhecesse a legislação eleitoral vigente neste nosso País.

Nós precisamos de iniciativas concretas, e a segurança é um dos principais fatores em que eu sou cobrado, e sempre justamente, e os comerciantes nós temos mandado discutir o Conselho de Segurança junto com V.Ex<sup>a</sup>, com os demais oficiais e com os praças, Absolon sabe disso, é um companheiro combatente, um sargento da Polícia Militar, e sabe que nós temos feito isso porque precisamos da Polícia Militar e de iniciativas duras, mas duras contra a criminalidade que se abate sobre o Parque do Abaeté, pois ali as pessoas vão constantemente, com a vontade de se divertir, e nós sabemos quem mulheres são estupradas por bandidos ali nas dunas.

Nós não podemos condenar a mulher e o homem que foi para as dunas, não. Nós temos que nos condenar, somos agentes públicos, e faltou segurança naquela localidade. Precisamos também, companheiros, olhar o seguinte: desde 2005 a Prefeitura Municipal do Salvador, esta administração, infelizmente, não fez investimento, que eu saiba, e os comerciantes, eu tenho certeza, sabem que não houve investimento para o Parque do Abaeté. As dificuldades são grandes, inclusive dos ambulantes.

Portanto, precisamos de investimentos concretos. Dr. Luís é um competente superintendente, uma pessoa de brilho, que representa bem o prefeito. Mas eu não vi investimento estrutural nenhum por parte da Prefeitura Municipal do Salvador. Vou repetir: nenhum investimento.

Então, isso é crucial, inclusive o ponto de ônibus no final de linha do Abaeté está entregue, sem nenhum aparelhamento, e escuro. Eu sempre vou ao Abaeté, frequento Abaeté, que está lá para ser visto por todos nós, cada um de vocês, autoridades, comerciantes, colaboradores, policiais militares, superintendentes, militantes de todos os partidos. Poderão ver que está entregue, infelizmente, o local onde as pessoas precisariam para se deslocar para o parque, para gerar recursos e renda trazendo condições para os comerciantes continuarem empregando e as pessoas se divertirem num lugar tão importante como aquele.

Estive, ontem, com Dr<sup>a</sup> Maria Del Carmem, pessoa que eu prezo muito e que tem feito um excelente trabalho. Ela me comunicou que já houve, inclusive, licitação da reforma daquele Parque do Abaeté da ordem de 1 milhão e 700 mil reais, me corrija, Excelência, caso eu esteja errado, e também da Baixa do Soronha.

Então, o investimento do PAC do governo do Estado da Bahia, tendo à frente uma mulher que tem feito um belo trabalho e que conhece a situação nossa. Nós saímos mais esperançosos... (Palmas)

(...) porque ali, sim, é uma atitude concreta de governo que nós poderemos, certamente, trilhar por caminhos corretos, melhorando a condição do Abaeté, dos comerciantes, dos ambulantes, de todos que ali frequentam, inclusive da Polícia Militar. O problema da segurança pública, Dr. Rui está aqui presente representando a Polícia Civil, não é problema de polícia, não, o que tem acontecido falta de políticas

públicas.

Também não vou imputar toda a responsabilidade ao prefeito de Salvador, porque a cidade foi mal construída ao longo dos tempos, é uma das mais antigas. Mas precisa de investimento, de limpeza dos canais, para que na Baixa do Soronha não aconteça o que aconteceu recentemente e que nós todos ficamos preocupados, não só com a Baixa do Soronha, mas com a cidade de Salvador como um todo.

É preciso que a Secretaria da Cultura, não sei se está aqui presente, do Estado da Bahia e a Secretaria de Turismo tomem, também, iniciativas concretas, como a Dr<sup>a</sup> Maria Del Carmem está tomando e como também a Semarh está tomando. Dr. Plínio está aqui presente. Precisa-se investir em publicidade, levando shows para o Abaeté. Precisa-se investir na cultura regionalizada, o que não está sendo feito no Abaeté.

Eu tenho a obrigação de dizer a verdade porque, quando eu estou aqui, eu estou livre de bandeira de partido. Eu estou para defender cidade, defender o povo.

Deputado, quero novamente agradecer a V.Ex<sup>a</sup>, a todos os presentes, é uma iniciativa de fundamental importância, o senhor está de parabéns. Todos vocês, que são pessoas que estão lutando, angariando donativos, comerciantes, todas as representatividades em busca de uma cidade melhor, livre da violência, e onde a gente possa produzir cada dia melhor.

É essa a minha contribuição, deputado.

Muito obrigado a todos.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Ivo de Assis):- Quero registrar a presença da pastora Cristiane de Jesus, da Casa de Música Abaeté; do Grupo Nativo de Itapuã, da Casa da Música de Itapuã, da Associação dos Vendedores Ambulantes e Baianas de Acarajé, da Organização de Amigos e Moradores da Comunidade de Nova Brasília, de Itapuã, da Comunidade do Abaeté, da Associação Beneficente Bandeiras do Senhor e também do presidente da FAMEB- Federação das Associações de Moradores do Estado da Bahia e Membro do Conselho Estadual das Cidades, Ramiro Pedro Cora, representando o deputado Javier Alfaya.

Com a palavra a presidente da Conder, Dr<sup>a</sup> Maria Del Carmen, que vai dar uma boa notícia a todos os amigos do Abaeté, com toda certeza. Já tínhamos conversado com membros da Conder, os quais nos informaram que existe, atualmente, um projeto para a revitalização do Abaeté na Caixa Econômica Federal. Então, a Dr<sup>a</sup> Maria Del Carmen tem, com certeza, boas notícias para todo o povo do Abaeté.

**A Sr<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> MARIA DEL CARMEN:-** Quero saudar o deputado Ivo de Assis e parabenizá-lo pela iniciativa; saudar a todos os que vieram aqui nesta tarde – líderes comunitários, representantes da população do Abaeté, comerciantes e ambulantes de Nova Brasília, da Baixa do Soronha, dos bairros adjacentes daquela região.

Saúdo também o Dr. Luiz Antunes, nosso amigo em outros momentos em que estivemos juntos discutindo questões referentes à cidade; os meus amigos Dr. Plínio, Jorge, nosso companheiro, gestor do Parque de Abaeté, com muita justiça, devido à história de luta que tem feito em prol desse parque, e meu companheiro, amigo vereador Geovani, a quem agradeço as palavras daqui proferidas.

Quero fazer uma saudação especial a alguém que lutou muito pelo parque de

Abaeté, que dedicou sua vida e até a perdeu por estar lutando por aquele espaço: nosso amigo Antônio Conceição Reis. (Palmas.)

Saúdo ainda o companheiro Ramiro, que representa o meu amigo deputado Javier Alfaya e que, desde que o conheço, tem lutado por Nova Brasília de Itapuã. Várias vezes, durante muitos anos, fomos juntos até lá para lutar por aquele pedaço.

A Conder foi, durante muito tempo, a gestora do Parque do Abaeté, assim como da maioria dos parques metropolitanos, dos parques que estão sob a responsabilidade do Estado da Bahia e, em alguns momentos, a idealizadora deles.

O Parque de Abaeté ainda existe como um exemplo do que podemos chamar de *parque urbano*, independentemente da discussão de Plínio e de Dr. Luiz Antunes, que são especialistas dessa área. Eles sabem se o nome correto é parque, parque urbano ou unidade de conservação, de acordo com o que a Legislação Ambiental estabelece.

Enfim, o Parque do Abaeté existe, foi estabelecido pela Conder, assim como o parque de Pituaçu. Depois, todo o trabalho de implantação foi feito pelas APA's e, posteriormente, com a criação da Secretaria do Meio Ambiente, passaram para esse órgão específico, que adquiriu a responsabilidade específica desses parques, de cuidar dessas áreas, definindo políticas públicas para a preservação delas.

Quando se resolveu implantar um projeto no Parque do Abaeté, elaborado pela Dr<sup>a</sup>. Rosa Clio – uma arquiteta importante, de nome, conhecida nacionalmente pelos seus projetos –, o qual foi implantado pela Conder, há mais de 10 anos, e com relação ao qual me reservo o direito de ter algumas discordâncias no que se refere ao local. Apesar de não ser arquiteta, mas engenheira, considero que a discussão desse projeto e a solução de arquitetura apresentadas para aquele local deveriam ter sido mais bem discutidas com a comunidade e mais bem integradas àquele ambiente.

Quando assumimos o Parque do Abaeté, a administração dele passou para a Semar. Quando assumimos a Conder, fomos procurados pelos comerciantes do Parque do Abaeté por causa das dificuldades que estavam vivendo e dos problemas que estavam ocorrendo com os ambulantes, as baianas de acarajé. As lideranças da região – como Antônio, que ainda estava vivo – também estiveram conosco acompanhados pelo vereador Giovanni. Dissemos que naquele momento a gestão já era da Secretaria do Meio Ambiente e que não tínhamos recursos no Orçamento do Estado para fazer frente às reformas que os equipamentos daquela área necessitam.

Se formos ao parque hoje, veremos que a iluminação está deficiente; que todos os passeios de circulação e os equipamentos precisam de recuperação devido ao tempo transcorrido; que os quiosques correm risco de ruir a qualquer momento, até porque foram feitos com uma estrutura metálica que talvez não seja a ideal para aquele local.

Naquele momento estava sendo lançado pelo governo federal o PAC, Programa de Aceleração do Crescimento. Sugerimos ao governador Jaques Wagner algumas áreas de Salvador onde pudessemos trabalhar. O governo do Estado captou mais de 320 milhões para o PAC em reurbanização e decidiu que a maior parte desses recursos seria colocada em Salvador, tendo em vista as dificuldades que o município enfrenta e os problemas que as nossas comunidades têm, como o Dr. Luiz Antônio colocou aqui, devido à sua ocupação.

Queria pedir um pouco de tolerância ao deputado Ivo de Assis, sei que o meu tempo é curto, mas é importante que façamos este preâmbulo.

Pois bem, sabíamos das necessidades pelas quais passavam a Baixa do Soronha, já tínhamos sido testemunhas oculares de diversos problemas que tinham surgido lá, dos problemas de alagamento que aquela comunidade sofre ao longo do tempo, da impossibilidade de acesso de ambulância, caminhão de lixo e táxi, etc. Então resolvemos incluir a Baixa do Soronha no Programa de Aceleração do Crescimento, com a captação de recursos junto à Caixa Econômica na ordem de R\$ 22 milhões.

Com essa captação de recursos, teríamos, como em todos os programas da Caixa, de construir e implantar equipamentos comunitários na região. Quem conhece a Baixa do Soronha sabe que é quase impossível conseguir um espaço lá. Para construir as unidades habitacionais que precisamos para remanejar as famílias e garantir o acesso àquele local, vamos ter de fazer uma verdadeira magia, todos juntos, trabalhando para encontrar a melhor solução.

Então chegamos para os comerciantes e dissemos: “A melhor solução que temos para captar recursos do PAC com o objetivo de implantar equipamentos é, em vez de construirmos outros equipamentos, recuperar os que já existem no parque, tendo em vista que vão servir à comunidade da Baixa do Soronha, de Nova Brasília, de Itapuã e ao resto da cidade que visita o Parque do Abaeté”.

Foi isso que fizemos. Conseguimos captar recursos para a recuperação dos equipamentos que hoje estão lá implantados. O Centro Comercial; os quiosques; os passeios; a iluminação pública; a Casa da Música, que foi recuperada; o Centro Comunitário, que está sendo recuperado; o parque infantil. Enfim, todos os equipamentos que temos na área serão recuperados.

Já licitamos as obras. Serão aplicados 1,7 milhão para a recuperação daqueles equipamentos, devolvendo aquele espaço para os moradores e para a cidade mais uma vez. Isso deverá começar no mês de maio. Já estamos com o contrato assinado, os recursos já estão assegurados. Associado a isso, há também a construção – que vamos discutir com Dr. Plínio, com Jorge e com a Secretaria do Meio Ambiente – de um centro para reciclagem, um espaço para criação, a fim de trabalhar a questão da reciclagem, porque sabemos que tem muita gente que trabalha com isso naquela região. Portanto, isso será uma fonte de geração de renda para aquela comunidade.

Dr. Plínio, possivelmente o senhor já sabe, já que foi discutido com a Secretaria de Meio Ambiente, conseguimos também designar quase 900 mil reais para fazer a recuperação ambiental do parque, para replantar novas mudas, trabalhar com as áreas ambientais do parque, perfazendo 2 milhões e 600 que serão aplicados dentro do Parque do Abaeté. O restante dos recursos será utilizado na Baixa do Soronha para que possamos fazer o canal da macrodrenagem, os acessos garantidos, urbanização de todas as ruas, pavimentação, drenagem, passeios, retirada do asfalto meio mentiroso na Rua Mandacaru e outras e fazer de fato urbanização daquela região, garantindo melhor condição de vida para aquelas famílias.

Um grande número de famílias terá suas casas melhoradas e recuperadas, com sanitários que serão construídos em muitas casas que não os têm e com o remanejamento de muitas famílias dentro das áreas para que possamos buscar onde elas estarão. As famílias terão o direito de opinar. A partir da próxima semana, estaremos com a equipe dentro da área, está ali a nossa equipe da Conder, Aída, que é nossa chefe de departamento, Cecília, que estão aqui e foram responsáveis pela

execução dos projetos da região da Baixa do Soronha.

Portanto, essa era a notícia que queríamos trazer aqui, a obra também de urbanização já está licitada. A questão do canal deve ser começada hoje a obra, com uma limpeza emergencial, mas essa não é a obra definitiva, é apenas uma limpeza emergencial, porque estamos licitando pela terceira vez. Na primeira licitação do canal, a empresa que ganhou foi para a obra e não conseguiu fazê-la, porque, infelizmente, sabemos que o que conta na licitação é o menor preço e, às vezes, o menor preço não envolve a melhor empresa, porque não teve capacidade nem condições de tocar a obra. Tivemos que romper o contrato, licitar novamente. Na segunda licitação, de todos os concorrentes que participaram, nenhum trouxe a documentação habilitada. Pensamos que deve ter havido algum conluio para não ter nesse momento e tivemos que lançar uma terceira licitação, que irá acontecer. Abriremos as propostas, faremos a primeira fase da licitação no dia 22 de maio do corrente. Então, a partir do mês de maio, teremos mais 30 ou 40 dias para que possamos assinar o contrato e deveremos começar definitivamente o canal da Baixa do Soronha no mês de junho e início de julho.

Essa era a notícia que queríamos trazer, essa é a determinação, a orientação do governador Wagner, que tem uma preocupação com essas áreas semelhantes à Baixa do Soronha e outras áreas da cidade, e isso garantirá que aquele pedaço da cidade tenha de fato condições melhores de vida e os moradores de lá não precisem a cada chuva viverem na intranquilidade que hoje vivem: sem segurança, sem garantia de poderem viver de maneira mais digna.

Temos outros problemas naquela região, de legalizações de áreas, e alguns vêm se arrastando há anos, não são desta gestão. Temos alguns loteamentos que foram incluídos dentro da área do Parque do Abaeté que nunca foram desapropriados, com pendências que vêm se arrastando há anos e que este governo está tentando equacionar, mas são muitos os problemas que herdamos, como também foram herdados pelo prefeito João Henrique e que não conseguimos rapidamente equacionar, mesmo com toda vontade, disposição e determinação política deste governo.

Quero colocar que este é um governo com uma visão diferenciada, de valorizar principalmente os nossos recursos, que estão sendo direcionados para trabalhar nas áreas que mais precisam. Não temos nenhuma obra, e as nossas obras não são de fachada, bonitas, para chamar a atenção. Estamos preocupados em melhorar as condições de vida do nosso povo e é nessas áreas que estamos trabalhando e nos dedicando para garantir uma melhor qualidade de vida.

Obrigada, deputado e, mais uma vez, parabéns.

(Não foi revisto pelo oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Ivo de Assis):- A Dr<sup>a</sup> Maria Del Carmen se estendeu mais porque ela tinha que dar essa boa notícia para todos. Acredito que foi uma boa notícia, foi ou não foi? Graças a Deus, que bom! (Palmas)

Quero até registrar que o deputado Marcelo Nilo, presidente desta Casa, esteve aqui conosco, não pôde permanecer, mas ele já esteve aqui no plenário, e, com certeza, se ele não tivesse um compromisso urgente estaria conosco neste momento, nesta sessão especial tão importante para tratar das questões do Abaeté.

Com a palavra o Sr. Fernando Araújo, representante do secretário Municipal de

Educação.

**O Sr. FERNANDO ARAÚJO:-** Muito obrigado, deputado Ivo de Assis, quero cumprimentar a Mesa na sua pessoa, na pessoa do meu dileto amigo Luís Antunes, que representa aqui S. Ex<sup>a</sup> o prefeito João Henrique de Barradas Carneiro.

Eu represento aqui o secretário Municipal de Educação e Cultura, Dr. Carlos Ribeiro Soares. Ele pediu que eu transmitisse a todos, ao deputado e à Mesa o seu abraço e que parabenizasse também pela iniciativa.

Quero dizer que na Educação não vimos nada, o vereador Giovane, meu grande amigo, se reportou a grandes problemas da área de Itapuã, mas Educação parece que está bem. Acho que está bem mesmo porque temos em Itapuã uma Coordenadoria Regional de Educação que abrange Itapuã, Costa Azul, Km 4, Fazenda Ipitanga, Estrada do CIA e Aeroporto. Temos nessa área, ou seja, dentro dessa Coordenadoria 49 escolas; 18 conveniadas, através de cessão de salas em comodato e CSU; temos 13 escolas especiais, 18 da rede da SMEC, ou seja, são escolas próprias do município.

Nas modalidades e ofertas de ensino também essa área de Itapuã é privilegiada, porque temos educação infantil, temos duas escolas exclusivas que em outras áreas não temos; temos dois CMs e 20 escolas com oferta, inclusive a Escola Aberta; o projeto ProJovem Urbano e o ProJovem Trabalhador que deve ser lançado também, isso tudo são modalidades que vão ajudar na qualidade de vida do morador dessa área de Itapuã.

Quero também dizer à Mesa que a Prefeitura Municipal de Salvador no Km 7 tem lá instalado um conselho tutelar, e talvez um dos primeiros conselhos tutelares que tivemos aqui na região. E esse conselho tutelar dá uma contribuição muito boa à Polícia Militar, e a recíproca é verdadeira, e à Polícia Civil. E é com privilégio muito grande que estou vendo aqui no plenário uma das nossas conselheiras tutelares que é a Dr<sup>a</sup> Sônia. (Palmas)

No ensino fundamental temos o ciclo de aprendizagem um e dois com 37 escolas; temos também oferta de modalidade de ensino na educação de jovens e adultos, como eu já disse, e temos algumas escolas perto da Lagoa do Abaeté, como a Escola Municipal Lagoa do Abaeté, que fica na Travessa Paulo Afonso Baqueiro. A diretora é a professora Rosineide, são 18 turmas do primeiro ao quinto ano, com 547 alunos matriculados. Temos a Escola Barral, a diretora é Abília, também temos os ciclos um e dois, são 16 turmas, com 394 alunos matriculados. E a escola que também é referência na Lagoa do Abaeté, porque fica bem próximo da Lagoa, é a Escola Municipal Malê Debalê, que atende 163 alunos matriculados do quinto ao terceiro ano, e sua diretora é a professora Gedalva. Ainda próximo a Itapuã, temos as escolas Manoel Lisboa, Vinícius de Moraes, Vitória da Conquista, Escola Pescador, que nos dá um trabalhinho muito grande, mas temos que compreender, e, na Lagoa do Abaeté, o Malê Debalê, como já falei. Nós temos, naquela área de Itapuã, 708 professores, 56 coordenadores pedagógicos, 49 diretores, 64 vice-diretores, 30 secretários, enfim, temos empregados da Prefeitura servindo à Educação, nessa área de Itapuã, 2783 profissionais.

Queria parabenizar o deputado por esta iniciativa, no meu nome próprio, e dizer-lhe que a Secretaria Municipal da Educação e Cultura também está engajada nesse processo de tentar ajudar não a revitalizar – não vou nem chamar revitalizar o parque – mas ajudar a manter o parque numa situação de bem-estar para toda a comunidade.

Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Ivo de Assis):-A Secretaria Municipal da Educação tem tido um bom relacionamento com as escolas municipais ali, tem tido um bom relacionamento com toda a comunidade do Abaeté, Itapuã... Isso é muito importante.

Vamos agora franquear a palavra para as pessoas da plateia, inclusive já havia algumas inscritas, mas peço que sejamos breves, pois já são 16h51min, senão entraremos pela noite, porque tem muita coisa para ser falada a respeito de Abaeté. Vou deixar até de fazer meu pronunciamento para não prolongar muito esta sessão.

Quero passar a palavra para Alexander Marconi que deseja hoje fazer um pronunciamento e falar um pouco a respeito do Abaeté e falar até de um projeto, aproveitando aqui a presença de várias autoridades. Ele vai falar de um projeto que foi elaborado junto aos comerciantes do Abaeté para revitalização daquela área. Vamos ver se você consegue falar tudo em, pelo menos, 7 minutos.

**O Sr. ALEXANDER MARCONI:-** Gostaria de agradecer ao deputado Ivo e à Comissão de Desenvolvimento da Assembleia, porque, desde outubro, fui contatado pelos comerciantes para fazer uma análise comercial e cultural do Parque do Abaeté, para revitalizar o comércio local que, praticamente, existe por causa do esforço dos ambulantes e dos permissionários, que não conseguem mais ter lucro. Eles, no final de mês, só juntam dívidas e demissões dos funcionários, pessoas que geraram emprego durante 15 anos ali naquele espaço. Eu precisaria do “data show” para poder mostrar como a Secretaria da Cultura, a Secretaria de Turismo e a Sema poderiam se organizar para transformar o Abaeté num ponto turístico que possa atender com qualidade aos turistas. Foram feitos três projetos que envolvem música e culinária. Não vou poder mostrar o projeto aqui porque o estou entregando para a Secretaria de Planejamento, que pode fazer o trabalho em parceria com a Setur e a Secult. Eu só queria revisar o seguinte: nós sabemos que a culinária baiana é um atrativo que faz com que a Bahia seja conhecida mundialmente, não só nossa beleza ambiental. O cozinheiro baiano, seja ele na atuação como ambulante ou no comércio formal, fabrica os ingredientes da sua culinária. Então, ele passa a ser artesão culinário. Diferente do pizzaiolo, que pega todos os ingredientes industrializados e desenvolve o trabalho da pizza. Então, quer dizer, a cultura baiana pode ser valorizada no Abaeté quando fizermos uma “repaginada” da atuação do cozinheiro baiano, que existe com os permissionários e os ambulantes. O que é que ele é? Ele é um artesão culinário que utiliza técnicas euro afroindígenas em seu trabalho.

Então, o projeto mostra como o poder público e a sociedade podem fazer a parceria com a secretaria e a Ebal para poder fazer um trabalho de elevação da autoestima do cozinheiro baiano.

Tem também o projeto que é chamado de Lavagem do Turismo, que faz o trabalho de contar a história dos ritmos musicais baianos, captando os artistas locais de Itapuã.

E há o projeto – até enviei uma cópia dele para D. Maria Del Carmem – para transformar as pilastras do Abaeté em área de exposição da história da culinária e da música baianas, contando a origem dos pratos da culinária baiana.

Esse tipo de serviço não existe na Bahia. Se você quiser ir a um lugar para saber como surgiu a moqueca, a feijoada, quem criou os pratos, se foi o negro o índio ou o português – muitos pratos se misturam nas três culturas, por isso que digo que é euroafroindígena a culinária baiana – você não encontra em lugar algum.

As peças, em três idiomas, contam a história da culinária baiana, para que essa história seja exposta nas pilastras do Abaeté, para que o turista, ao ir ao Abaeté, não só veja a beleza do meio ambiente, mas que ele possa também conhecer a cultura da nossa culinária em três idiomas e passar a frequentar os restaurantes que, hoje, não têm mais aquela frequência anterior.

Vou encerrar aqui, pedindo o seguinte: estou entregando o projeto à Secretaria do Planejamento para poder apoiar o trabalho do Sr. Plínio, que foi a pessoa que me recebeu na Sema, que é a gestora do parque, peço que seja feito aqui o que o senhor, esqueci-me o nome dele, falou sobre o que se bota no papel e não anda.

Bem, esse projeto pode ser executado pelo Fundo de Cultura e mostra também como a iniciativa privada pode revitalizar a parte comercial e cultural. Por que, na parte de infraestrutura, D. Maria Del Carmem já está fazendo um trabalho excelente. Mas e na parte cultural e comercial? E esse projeto serve para todos os pontos turísticos semelhantes ao Abaeté, que encabeça com o projeto chamado Artesão Culinário, porque é assim que é o cozinheiro baiano.

Portanto, precisamos elevar a autoestima desse produtor cultural. Muitas vezes vejo um ambulante trabalhando e o turista compra como se estivesse ajudando. Na Índia e na China não é assim. Nossa cultura é tão superior quanto a deles.

Então, na hora em que o poder público se organizar e o Abaeté for o piloto, nós poderemos ensinar ao autor da culinária baiana, seja ele ambulante ou informal, a ter autoestima, e não trabalhar como se estivesse pedindo esmolas, que é o que vem acontecendo com as barracas de praia, com as baianas do acarajé.

Há condições da parceria Setur, Secult e a Ebal no projeto fazer a autoestima e começar o projeto no Abaeté, tendo como gestor o Sr. Plínio. É só o que peço: a chance de levar isso para que seja feito com verbas do Fundo de Cultura e com o apoio da iniciativa privada, porque o projeto já mostra como se encaixar todos eles. E que a política da Secretaria de Planejamento, que está sob a direção do Sr. Walter Pinheiro, possa fazer esse trabalho de unir Setur, Secult, Ebal e Sema.

Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Ivo de Assis):- Com a palavra o Sr. Rui Pereira da Paz, diretor do Departamento de Polícia Metropolitana, representando o delegado-geral da Polícia Civil, Dr. Joselito Bispo da Silva.

**O Sr. RUI PEREIRA DA PAZ:-** Boa-tarde a todos e a todas, na pessoa do deputado Ivo de Assis saúdo os integrantes da Mesa, e também o parabenizo por esse evento. Na condição de representante da Polícia Civil, não poderia furtar-me a, pelo menos, saudar todos.

Vocês ouviram o coronel Lázaro explanar sobre a segurança na área. O Departamento de Polícia Metropolitana, do qual sou diretor, obviamente tem alguns informes sobre o que vem acontecendo na área de Itapuã, preponderantemente na

Lagoa do Abaeté.

O secretário, recentemente, baixou uma portaria traçando diretrizes para as Áreas Integradas de Segurança Pública - AISP, onde determina que sejam feitas ações integradas entre a Polícia Civil e Militar. E diante dessa ação todos os meses o delegado titular da sua unidade, juntamente com o comandante da Companhia Independente da PM, traçará planos estratégicos operacionais visando reduzir a criminalidade na área de cada unidade, principalmente os crimes violentos letais e intencionais e os violentos contra o patrimônio.

Efetivamente, alguns delitos ocorrem na área do Abaeté, principalmente casos de estupro e crimes contra o patrimônio, mas as Polícias Civil e Militar não podem sozinhas ser responsabilizadas, porque esforços são envidados. Todos aqui conhecem Dr<sup>a</sup> Francineide na 12<sup>a</sup> Delegacia, batalhadora incansável, mas também a Polícia Civil necessita de recursos. O efetivo lá é pequeno, e a área é enorme. São, salvo engano, mais de 16 bairros, e todas as vezes em que a polícia foi instada a dar uma resposta assim o fez, tendo o apoio da nossa coirmã PM, porque a Civil, infelizmente, não tem o efetivo nem o recurso necessários para agir naquela área. Assim aconteceu em Mussurunga quando houve aquela chacina. A Polícia deu a resposta prendendo os autores. Também aconteceu no Planeta dos Macacos e na Baixa do Soronha. Todas as vezes que um evento demanda uma ação operacional a Polícia Civil, juntamente com a Militar, está lá para dar a sua resposta.

Então, como diretor do Departamento de Polícia Metropolitana, conclamo todos a denunciar sempre que estiver acontecendo algo na área, porque através das denúncias é que nós podemos dar a resposta com ações. A Civil é uma Polícia judiciária, ela age após a ocorrência do fato delituoso, cabendo à Militar o policiamento ostensivo e preventivo. Mas nem por isso a Civil vai se furtar a também ajudar nesse mister.

Então, como diretor do Depom, estou sempre com o meu gabinete aberto para encampar ações que visem reduzir e minimizar a criminalidade na área tanto da 12<sup>a</sup> como das demais subordinadas ao meu departamento. Hoje são 33 delegacias, sendo uma especializada e seis postos policiais.

Agradeço a atenção, e em nome do delegado-chefe parabenizo mais uma vez a Assembleia por este evento. Sempre que for chamada, a Polícia Civil se fará presente.

Muito obrigado. (Palmas!)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Ivo de Assis):- Quero registrar a presença de Walter Hugo Rodrigues, delegado do meio ambiente e conselheiro da APA Abaeté. Também comunico que o deputado Marcelo Nilo esteve presente aqui ao plenário e por causa de compromissos assumidos anteriormente não pôde permanecer. Registro ainda a presença do Jonas Paulo, presidente do PT no Estado da Bahia. Seja bem-vindo a esta sessão do Abaeté. (Palmas!)

O Sr. PRESIDENTE (Ivo de Assis):- Com a palavra D. Janilda Alves de Jesus, que é permissionária do Abaeté.

Vamos ver se conseguimos encerrar, no mais tardar, às 17h30min para não prolongarmos muito, porque fica cansativo. Eu vou abrir mão da minha fala. Iria fazer um pronunciamento, mas vou desistir para não prolongar muito a sessão.

**A Sr<sup>a</sup> JANILDA DE JESUS:-** Boa-tarde!

Eu sou Janilda Alves de Jesus, comerciante no Abaeté há 41 anos. Há 16 que tenho a posse, sou permissionária de um quiosque e hoje me sinto preocupada com meus companheiros de quiosque porque, depois que passou pra cima, estamos tendo a notícia de que pode haver uma licitação para nós que já somos permissionários. Sou permissionária de usos e frutos. Então, como é que hoje nós podemos participar duma licitação se não temos nenhuma condição e já estamos na posse há 16 anos!? Acho que é impossível. A minha pergunta é essa.

Muito obrigada.

O Sr. PRESIDENTE (Ivo de Assis):- Feito o seu registro.

((Não foi revisto pelo orador.))

O Sr. PRESIDENTE (Ivo de Assis):- Com a palavra o Sr. José Moreira, que também é permissionário ali do serviço no Abaeté.

**O Sr. JOSÉ MOREIRA:-**Deputado Ivo, quero parabenizá-lo por essa iniciativa e aos membros da mesa meu boa-tarde.

Sou permissionário de uma loja de artesanato na Lagoa do Abaeté. O principal problema, hoje, da Lagoa do Abaeté é falta de segurança. Nesse período de alta estação nós, permissionários, donos de lojas de artesanato, tivemos incalculável prejuízo, porque nos ônibus, principalmente a CVC, uma companhia de turismo do Estado da Bahia, que chegavam na Lagoa do Abaeté, em torno de 10, 15 diariamente, os guias avisavam aos turistas que não descessem na Lagoa do Abaeté porque lá não havia segurança e que os assaltos ocorriam constantemente na Lagoa do Abaeté, e é verdade. As máquinas dos turistas, carteiras, são roubadas em pleno dia. Há bem pouco tempo eu fui pegar a minha mulher, à noite, na loja, cheguei às 17h e fiquei com ela até às 18h. Eu disse: “Olhe, Irene, você fica na pista que eu vou pegar o carro que está estacionado lá no Parque”. Quando entrei no carro, dois indivíduos armados tomaram meu carro de assalto, disseram: “Saia do carro, seu vagabundo!” Eu tive que sair e entreguei a chave.

Então, o Abaeté não tem segurança e nosso prejuízo foi incalculável. Hoje, são os comerciantes que estão mantendo o Abaeté; eles contratam cantores, pagam com dificuldade. Hoje você vai ao Abaeté e encontra nas mesas duas, três, quatro pessoas

A maior parte dos comerciantes estão inadimplentes com a Conder, porque não têm condições de pagar. Nós fizemos várias ações junto à Conder, no sentido de anistiar esse débito, mas não tivemos solução até o presente momento. Então, o Abaeté está morrendo.

Você vai ao Abaeté e lá não há lâmpadas, estão todas queimadas. A atual administração deixa muito a desejar, mas uma nova está assumindo o Parque, e não sei como vai ficar. Então, está uma calamidade.

A artesã que faz as bonequinhas, as baianinhas, diz: “Dona Irene, a senhora não vendeu nenhuma baianinha?” “Não vendi, porque os turistas deixaram de visitar o Abaeté, o Abaeté não tem segurança.” “Oh, dona Irene, eu estou morrendo de fome, me empreste alguns centavos”.

A mulher deu cinco reais, dez reais para manter esse pessoal. É isso que está acontecendo no Abaeté.

O Abaeté está morrendo! O Abaeté está precisando ser socorrido, ser

revitalizado, mas não existe nada disso. Eu não vejo segurança, só vejo no Abaeté a Polícia Montada. Quando eu fui assaltado procurei e não encontrei um soldado da Polícia Militar, se tivesse um veículo da Polícia inibiria a ação dos marginais, mas não existe. Quando chega a noite, e tenho que pegar minha mulher, fico sobressaltado, olhando para um lado e para o outro, para ver se não há marginal. Vivo traumatizado com o assalto de que fui vítima.

Espero que com essa reunião tomem medidas concretas para revitalizar a Lagoa do Abaeté, porque é um cartão postal da Bahia. Hoje todas as iniciativas da mídia que você vê só fala no Pelourinho, carnaval da terceira idade, São João do Pelourinho, tudo é Pelourinho! Esqueceram o Abaeté! Hoje se fecha uma rua para fazer carnaval em Itapuã, engarrafa todo o tráfego, congestionando todo o tráfego. Fecharam a rua principal de Itapuã para fazer um Carnaval. Saiu do espaço do Abaeté, um espaço enorme e livre, onde os comerciantes ficam esperando aquele dia de Carnaval que era feito em Abaeté para auferir algum lucro. Mas para atender a um pedido de um deputado ligado ao prefeito se fecha a rua.

Eu saí uma vez no Carnaval e para ir até a minha residência passei mais de duas horas para sair da Lagoa de Abaeté, estava tudo congestionado porque a rua foi fechada para fazer o Carnaval em Itapuã.

O que está acontecendo em Abaeté é que as lâmpadas estão queimadas, e se você vai ao sanitário feminino, dia de sábado e domingo, a fila é quilométrica, no sanitário masculino é uma sujeira, não tem limpeza, a iluminação não existe, todas as lâmpadas queimadas. Então, vamos fazer uma reunião com os comerciantes para cotizar e comprar lâmpadas para colocar na Lagoa do Abaeté, porque é um cartão postal, cantada em verso e prosa por Dorival Caymmi, Vinícius de Moraes. E está aí o Abaeté, um cartão postal abandonado.

Era só isso.

Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Ivo de Assis):- Com a palavra o Sr. Edivaldo Figueredo, presidente da Associação de Militares e Civis.

Quero registrar a presença da Sr<sup>a</sup> Aída Bitencourt, chefe de departamento de projetos da Conder, Dr<sup>a</sup> Cecília Cardoso, gerente de projetos, Marcos Moraes, arquiteto, e Andréia Barreiros, assistente social que vai tomar conta da obra em Abaeté, também vai acompanhar a obra social Dulce Lavink, arquiteta e autora do projeto.

**O Sr. EDIVALDO FIGUEIREDO:-**Boa-tarde à Mesa, boa-tarde a todos.

Parabenizo o deputado Ivo Assis pela iniciativa e a todos que estão imbuídos nesse projeto de melhoria do Abaeté.

Aqui se ouviu falar muito em segurança, em reforma do Parque, mas é importante que se diga que não se pode fazer segurança sem inclusão social. Essa é a grande verdade. E me deixa muito feliz quando a nossa Secretária, Maria Del Carmen, dá essa notícia da verba do PAC que vem para Itapuã, especificamente para a Baixa da Soronha, onde se instala uma comunidade muito sofrida, como também na Baixa do Dendê, em Nova Brasília e adjacências.

Veja bem, deputada, hoje está recebendo aqui, talvez, uma grande carga de

responsabilidade bomba o nosso Coronel Lázaro, quando se fala em segurança pública e o nosso delegado que é responsável também por uma área da segurança.

Mas, antes de falar sobre esse lado da segurança aliado à inclusão sócia, eu gostaria de parabenizar aqui o Coronel Lázaro. Outrora, a última reunião que tivemos o senhor ainda era major, o senhor deve estar lembrado disso, foina Lagoa do Abaeté, onde debatíamos o problema da segurança pública e onde o então Major Lázaro fez uma reunião conosco em duas oportunidades, uma com ele, a Companhia que ele comanda, a 15ª, e a outra com o Comandante da Polícia de Choque que também esteve lá conosco. E as ações que naquela oportunidade eram feitas, na Baixa da Soronha, com muita truculência, realmente foram melhoradas em muito. Por isso quero parabenizar a iniciativa do hoje Coronel Lázaro e, me falha a memória, o nome, do Comandante da Polícia de Choque.

Agora, em relação à segurança é, realmente, complicado o Abaeté. Claro, o Pelourinho, se a gente pudesse ter uma segurança como no Pelourinho, um soldado a cada metro quadrado, ou um policial civil a cada metro quadrado para o Abaeté. Seria até melhor, porque o Pelourinho, é uma área pequena para concentração de pessoas, é um espaço pequeno. No Abaeté, a área, como vimos na exposição, é enorme, são 120 mil metros quadrados de extensão ermo, onde teríamos que ter, realmente, uma área toda para deixar de ter assalto.

O que é que falta nisso? Falta inclusão social, falta emprego para aquela comunidade. Faltam recursos para que aquele trombadinha, seja lá o nome dado, tenha sua alimentação em casa e deixe de ir para o Abaeté estimulado por uma câmara fotográfica. Tive um amigo que veio da Austrália e foi roubado em Itapuã, na praia. Todo o arquivo dele foi levado, assim como o dinheiro, identidade, tudo. Isso é o que? É falta de emprego.

Então, secretária, o que eu gostaria de sugerir aqui é que essa verba que está vindo, inclusive para recuperação talvez a curto, médio ou a longo prazos, fosse feita uma incursão de emprego em massa da comunidade de Itapuã, principalmente daquelas áreas. (Palmas) . Que fossem cadastradas as famílias, família por família. Certamente a nossa secretária conhece profundamente aquela área dali, na palma da mão, e fosse dado a esse pessoal emprego, fosse feita uma conscientização daquelas famílias - o que está sendo feito - e reuniões em cima de reuniões, mostrando àquela comunidade que, às vezes, ali aquele dinheirinho do tráfico de droga não é o principal. O principal é você ganhar o seu dinheiro com seu esforço nas obras ali e quem sabe uma inserção até no serviço público futuro.

Nosso secretário da Educação veio aqui, fiquei muito feliz quando ele enumerou o número de escolas. E por que na economia informal a gente também não faz um esforço concentrado de ver essa comunidade trabalhando nessa economia informal, já que o serviço público é por concurso? Se alguns não têm condição, têm de prestar o serviço indireto e ter seu dinheiro para sustento de sua família, tirando essa juventude desse ilícito que é o roubo e o assalto, e, evidentemente, vai dar trabalho para a segurança pública.

Permita-me, deputado, só mais algumas interferências aqui. Estava vendo no Mercado de Itapuã, outrora, um mercado à moda antiga, com muita gente em frente ao mercado. Hoje, a área onde seria o mercado verticalizado, não sei se por política ou

por que porcaria seja, desculpemo termo, foi desmembrado.

Então, ficou uma comunidade dividida. Um mercado em Nova Brasília e outro mercado em Itapuã e o de Itapuã não deixou de existir. Tenho um projeto inicial, inclusive na época que seria feita a verticalização daquele mercado, onde ele hoje é. Porque na cultura de Itapuã, o mercado é ali, onde sempre foi de acordo com o passado. Mudaram, políticas burras, idiotas que fez com que se separasse e dali não deixou de existir. Aí, ficaram duas comunidades. Nova Brasília, brigando com o poder público, e o pessoal de Itapuã não deixa de ir ali, porque quem está acostumado a comprar seu caranguejo, seu peixe, só vai ali. Isso é verdade, os amigos sabem disso e o ideal hoje seria se gastar para fazer um mercado ali, onde ele é hoje. É uma tradição.

Para encerrar, senhores e senhoras, gostaria de clamar aos poderes públicos para hoje, até com o bolsa-família, e as senhoras, comum salário a mais, estão tendo mais crianças, elas saem para parir em Lauro de Freitas ou em Cajazeiras. Itapuã é carente. Faz-se necessário uma maternidade em Itapuã. Hoje a gente tem como fazer isso. Ou se verticaliza o Pronto Socorro hoje, onde existe uma área, ou então, existe uma área nobre, atrás do Lomanto, onde se pode fazer uma maternidade, está aí o dinheiro do PAC para se fazer isso.

Então essas são as minhas sugestões. Agradeço a atenção de todos.

Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Ivo de Assis):- A Dr<sup>a</sup> Maria Del Carmen estava reclamando aqui do barulho que faz essa campanha. Essa campanha aqui é direta, é assim mesmo, faltando 30 segundos para encerrar a fala, a campanha já soa para nos informar: olhe, você só tem mais 30 segundos para concluir.

Há mais uma pessoa inscrita. Que seja então mais um, o último inscrito dessa tarde, senão vamos passar das 5h30min, já são 5h20min.

(O Sr. Valter Hugo se manifesta fora do microfone)

O Sr. PRESIDENTE (Ivo de Assis):- Eu também abri mão da minha fala por causa disso, porque acredito que ela já foi bastante clara nas colocações.

Só não tenho seu nome para registrar. Por favor, diga o seu nome e pode começar o seu pronunciamento.

**O Sr. JOSEMIR DE JESUS DOS SANTOS:-** Ao Cel. Lázaro que falou em segurança. Coronel, hoje, todos os contribuintes têm uma grande preocupação, os graduados da Polícia Militar, como se comportam conosco.

Coronel, eu ouvi o senhor falando, gostei muito, simpatizei, gostei da colocação do senhor. Mas, Coronel, é preciso mudar a cultura dos nossos graduados porque eles não estão tendo o devido respeito com os cidadãos.

Perante a corporação da Polícia Militar, perdoe-me também a Polícia Civil, nós cidadãos contribuintes somos visto assim: eles em cima, nós embaixo. Nós queremos que os senhores que estão na linha de frente, dirigindo, façam com que mude essa cultura e nós sejamos vistos como cidadãos. Porque hoje temos receio de nos dirigir a um graduado militar, porque ele se sente o todo-poderoso e que o cidadão não é ninguém, nos maltratam. Acredito que isso possa ser mudado e o cidadão terá, realmente, direitos de poder agir como um funcionário público de verdade.

Como o senhor disse que está aberto para as sugestões, para as colocações, eu estou pedindo, por favor, faça isso por nós. Nós estamos agonizando. Eu sou permissionário do Parque do Abaeté e ir à delegacia eu já não vou mais, porque quando chego lá sou simplesmente maltratado. Os cidadãos que trabalham por lá olham para você de uma forma que você fica inibido. Você pensa assim: meu Deus, o que eu vim fazer aqui? Sou cidadão, vim prestar uma queixa e sou tido como marginal, eu não volto mais.

Então estou aproveitando para dizer, por favor, não me queiram mal. Eu estou comunicando isso para que essa situação seja mudada, quando qualquer cidadão for prestar uma queixa por lá seja acolhido de uma forma diferente.

No Parque do Abaeté acontece o mesmo, as pessoas são vítimas, vão até o módulo e são maltratadas. O elemento diz: não, rapaz, eu não posso sair daqui do módulo. Como é que pode um funcionário público se apresentar dessa forma para o cidadão que foi vitimado? Isso acontece no Abaeté, todos os dias.

Seria muito importante a Polícia Militar pôr nos seus módulos câmeras verificando essas ações. Toda a regra tem exceção, claro. Assim como existem cidadãos ruins, existem também os mau militares, mau servidores e esses servidores têm que ser vistos por seus superiores, não para que sejam punidos, às vezes falta conhecimento para que eles ajam daquela forma. É isto então que eu peço aos senhores.

Em relação a educação também. O bairro de Itapuã tem muitas escolas, isso é verdade, mas falta também fiscalização. Nunca tem aula. No Parque do Abaeté, no horário que o senhor for, o senhor encontra crianças que dizem: Estamos sem aula. Eles saem, vão fumar *crack*, vão se prostituir, entendeu? Então, estamos falhando com a educação. É preciso ter aulas. Porque temos escolas O que falta são educadores. Não há quem os fiscalizem.

Seria muito interessante um projeto que fiscalizasse esses educadores para eles não tirarem da União só o seu salário, pensando apenas nos dias do pagamento, 15 e 30. Precisam servir e serem fiscalizados. Isso dificulta muito o trabalho da polícia porque são menores e a polícia não pode fazer nada por causa dos direitos dos adolescentes, são tantos direitos que estão aí: os pais transferem, os educadores não estão nem ligando. A prefeitura sabe que tem colégio, mas os educadores não estão fazendo a sua parte, estão dificultando o trabalho da polícia porque no Abaeté o número de crianças à toa, e os colégios não fazem a sua parte, é enorme.

E como falamos também o Abaeté está morrendo. Esta é uma atitude louvável, agradeço ao deputado, há muito tempo que isso era para acontecer, estamos falidos. O governo inaugurou o Parque Abaeté, fez promessa e disse para nós não nos preocuparmos, que era a fase inaugural, que os ajustes viriam e esses ajuste não chegaram. Os permissionários donos de quiosques que tinham os seus quiosques, as suas barracas, que tinham um certo espaço, hoje é um nada, são 4 metros quadrados para fazer milagre.

Hoje, também tenho uma grande preocupação, Sr. Plínio, em relação a mudar as nossas atividades. No Parque Abaeté não temos condição de vender coco e água. Quando o parque foi inaugurado eu vendia em média, por semana, mil cocos. Um ano depois, eu já não vendia nem 20. Então, é preciso mudar essa cultura, nós precisamos disso também. Preocupem-se com essas ações porque não é justo estarmos no Abaeté,

como temos no contrato, para vender água e coco. Quero saber onde vai ter tanta gente para consumir água e coco e nós, pais de família, não teremos condições de nos manter.

Então, por favor, olhem isso de forma delicada porque nós precisamos. Chega de sofrer! (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Ivo de Assis):- Temos mais uma oradora inscrita e depois, então, vamos encerrar esta sessão porque já são 17 horas e 27 minutos. Às 18 horas os ônibus, daqui da Casa, também vão sair e os funcionários precisam se retirar daqui da Assembleia.

Coma palavra a Sr<sup>a</sup> Eliene Silva Reis.

**A Sr<sup>a</sup> ELIENE SILVA REIS:-** Sou a viúva de Antônio Conceição Reis. Desculpem por não saber me expressar muito bem ,porque o orador era Antônio mesmo.

Gostaria de agradecer a Dr. Antunes, a Miguel, agradecer também ao Dr. Giovane pela lembrança de Antônio. Sinto-me orgulhosa dessa discussão agora,que eu creio que se não fosse por ele não estaria acontecendo. Foi uma luta de 21 anos, na qual ele perdeu a sua própria vida.

E queria dizer também que ultimamente eu andava muito triste, mas de uma semana para cá estou muito alegre. Hoje, temos um gestor, o Jorge, nosso atual gestor que entrou com pé direito na Lagoa do Abaeté, que com as chuvas dessa semana já está com 1 metro e meio de água, estava secando, realmente já estava quase no lodo. E dizer que realmente as coisas estão acontecendo, a união dos comerciantes, a união dos ambulantes, a união do grupo nativo com todos, acho que agora estamos com uma nova visão, as pessoas realmente pararam de pensar em si próprias e estão começando a pensar no todo. E creio que as coisas vão mudar. Agradecer também a brilhante ideia da Dra. Maria Del Carmem em relação a colocar os equipamentos lá em cima, porque realmente na Baixa da Soronha não há condições. Além da Baixa da Soronha há várias comunidades que irão se beneficiar daqueles equipamentos. E agradecer também a postura do Dr. Giovane, durante esses anos conosco, nos ajudando, nos unindo, nessa situação dos comerciantes, que realmente é uma situação terrível com as pessoas passando necessidade, como os ambulantes em relação ao pagamento dos funcionários. Queria agradecer, Dr. Giovane, por esse apoio que o senhor está dando a todos nós.

Queria agradecer a todos pela lembrança do meu marido e dizer que a luta continua, estamos aí. Agradecer também ao Dr. Antunes pela lembrança do manguezal porque não pode ficar do jeito que está, temos que rever essa situação porque é o único parque dentro de Salvador. Em relação a estudos científicos, a turismo, é uma grande coisa que pode acontecer aqui na Bahia e as autoridades realmente têm que prestar mais atenção a isso.

E agradecer a todos e lembrar que no dia 9 de julho completará 2 anos que Antônio morreu, e até hoje nada foi feito. E pedir realmente que todos os deputados e a todas as autoridades que se empenhem por Abaeté, porque, realmente, é o nosso cartão postal.

Muito obrigada. (Palmas)

(Não foi revisto pelo oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Ivo de Assis):- Quero agradecer aqui as presenças do Sr. Fernando Araújo, representante do secretário municipal de Educação; professor Amadeus Alves, da Casa de Música; Sr. Plínio Neto, diretor da Unidade de Conservação da SEMA; o tenente-coronel Lázaro Pereira da 15ª Companhia Independente de Itapuã; capitão Aloísio representante do major Walter Serpa; Sr. Antônio Miguel, presidente da Associação de Moradores do Jardim Abaeté; Joel Santana, representante do secretário Fábio Mota; Sr. Jorge Lopes, coordenador do Parque do Abaeté; Sr. Luís Antunes Ataíde Neves, representante do prefeito; ao Sr. Dr. Rui Pereira da Paz, diretor do Departamento de Polícia Metropolitana, representando o delegado geral de Polícia Civil Joselito Bispo; a Drª Maria Del Carmen, presidente da Conder; como também reitero o agradecimento pelas presenças de todos os senhores e senhoras que nesta tarde vieram participar aqui desta sessão especial.

Reafirmo que esta sessão só aconteceu por causa dos senhores e das senhoras que vieram a esta Casa e nos procuraram para nos passar a situação grave e caótica em que se encontra o Parque do Abaeté. Nós, então, começamos a nos mobilizar às autoridades competentes para promovermos esta sessão e, também, para, em conjunto, encontrarmos soluções para esta questão do Abaeté, pois esta lagoa é um patrimônio não só de Salvador, mas da Bahia e do Brasil e, também, mundial; portanto, temos que conservá-la, cuidar daquela área com todo o carinho e cuidado, para que muitos turistas possam também desfrutar da beleza que é a Lagoa do Abaeté.

Quero também agradecer a presença do vereador, Dr. Giovane, que, nesta tarde, veio participar conosco desta sessão, e também a presença da arquiteta Agnelina Medina Costa, coordenadora da Deplan da Conder.

Enfim, agradeço a todos. Brevemente, nós teremos relatórios para entregar aos senhores sobre o Abaeté. Vamos visitar esta obra. Nós vamos estar juntos acompanhando todo o andamento dessas obras que serão feitas ali no Abaeté, na Baixa do Soronha. Vamos acompanhar tudo isso.

Que Deus abençoe a todos e declaro encerrada a presente sessão especial.

*Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/sessoes.cfm>. Acesse ao caminho **Atividades Parlamentares - Sessões Plenárias** e leia-as na íntegra.*